

Aborto legal em risco: médico “pró-vida” chega ao MS e pesquisa mostra despreparo de residentes 25 DE JUNHO DE 2020

Estudo aponta que nem metade de residentes domina uso de medicamento indicado pela OMS para um aborto seguro; nomeação de Raphael Câmara, defensor da abstinência sexual, para cuidar da Atenção Primária de Saúde é criticada

[\(Gênero e Número | 25/06/2020 | Por Lola Ferreira\)](#)

“O aborto ainda tem um estigma que faz com que a faculdade de medicina não o discuta.” Esta é a conclusão do professor emérito da Unicamp Anibal Faúndes, médico formado há 65 anos e que, há 30, dedica-se à Faculdade de Ciências Médicas da instituição. A afirmativa se comprova em dados. Faúndes faz parte do grupo que analisou a percepção de residentes em ginecologia e obstetrícia de 21 hospitais sobre aborto legal medicamentoso no Brasil. E o resultado acende um alerta: a maioria não domina o uso do misoprostol, bem como desconhece que a legalização do procedimento implica em redução das taxas de aborto em um país.

Entre os participantes da [pesquisa](#) do Grupo de Estudos sobre Aborto no Brasil, realizada por pesquisadores principalmente da Unicamp, apenas 40% acertaram mais de 1/3 das respostas sobre o uso do misoprostol, medicamento que provoca contrações uterinas e é sugerido, acompanhado de mifepristone, pela [Organização Mundial da Saúde \(OMS\)](#) como método eficaz e seguro para a interrupção da gravidez. As perguntas sobre vias de administração e internações hospitalares decorrentes do método foram as que eles mais erraram.

[Acesse a matéria completa no site de origem.](#)